

Revista de Literatura, História e
Memória



Dossiê: Literatura e interartes, desdobramentos estéticos e culturais: entrelaçamentos e reverberações da memória, da história, da sociedade e as identidades

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 28 - 2020

UNIOESTE/CASCADEL - p. 154-170

**RESISTIR PARA EXISTIR: UMA ANÁLISE DA
OBRA *CANGACEIROS*, DE JOSÉ LINS DO REGO**

Resist to exist: an analysis of the work *Cangaceiros*, by
José Lins do Rego

Edvânio Caetano Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo verificar como são construídos os aspectos de resistência presentes nos personagens de *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego. Nessa perspectiva, tencionamos discorrer acerca do processo utilizado pelo autor a fim de construir protagonistas que, embora no mundo da ficção, são delineadores de sujeitos às margens da sociedade, não obstante povoam um mundo paralelo ao dito “comum”. Assim, a obra nos apresenta personagens como fanáticos religiosos, cangaceiros e coronéis

falidos e loucos, tangidos ao atual estado em que se encontram como meio de resistências às forças opressoras que assolam a região. Para auxiliar o nosso trabalho acerca dessas conjecturas, a ideia de resistência como tema, apresentada por Bosi (2002), será bastante útil, uma vez que José Lins do Rego confecciona a obra *Cangaceiros* tendo como tema principal o conceito de resistência. Também trabalhos de teóricos como Alfredo Bosi, Antonio Candido e Terry Eagleton serão importantes para a economia da nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVES: Cangaceiros; resistência; literatura.

ABSTRACT: The present work aims to verify how the aspects of resistance present in the characters of *Cangaceiros* (1953), by José Lins do Rego are constructed. In this perspective, we intend to discuss the process used by the author in order to build protagonists who, although in the world of fiction, are outlining subjects on the margins of society, despite populating a world parallel to the so-called “common”. Thus, the work presents us with characters such as religious fanatics, cangaceiros, and bankrupt and mad colonels, tangent to the current state in which they find themselves as a means of resisting the oppressive forces that are plaguing the region. To help our work on these conjectures, the idea of resistance as a theme, presented by Bosi (2002), will be quite useful, since José Lins do Rego makes the work *Cangaceiros* with the concept of resistance as its main theme. The work of theorists such as Alfredo Bosi, Antonio Candido and Terry Eagleton will also be important for the economics of our research.

KEYWORDS: Cangaceiros; resistance; literature.

INTRODUÇÃO

Há um traço na literatura brasileira – em prosa – de até meados do século XX que vale a pena ser observado, este traço consiste no fato de que os autores à época mantinham uma relação muito forte com o contexto em que se inseriam. Isso não significa dizer que os seus

¹ Mestrado em Letras - Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho concluído em 2016. Doutorado em andamento pela UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso).

romances tendiam a certo grau de historiografia ou mesmo ao romance documental, significa que era comum aos autores tecerem narrativas as quais tinham como pano de fundo aspectos relacionados ao meio em que eles pertenciam. Nesse sentido, além de cumprir seu papel principal no campo da literatura, esses romances estão também a serviço da história e sociologia. Essa observação não deve ser entendida como uma tentativa de diminuição do valor literário de alguns dos nossos romances brasileiros, ao contrário, deve ser entendida como uma tentativa de atribuir valor à produção literária brasileira do século XIX e XX também pelo seu caráter de valorização do espaço local. Acerca dessas observações, é importante nos atentarmos para o que diz Antonio Candido, a saber:

O nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação literária sobrepõe à realidade geográfica e social. (CANDIDO, 1971, p. 114).

Convém considerarmos esses apontamentos elencados pelo Antônio Candido direcionado, prioritariamente, às produções românticas, sem descartar, é certo, a presença desse mesmo evento nas obras dos demais movimentos posteriores ao Romantismo. Não obstante, esse mesmo fenômeno volta com bastante força a partir da segunda década do século XX com os romances regionalistas do Nordeste. É nesse contexto que, a partir da década de 1930, José Lins do Rego começa sua produção, autor paraibano alinhado às ideias de Gilberto Freyre acerca da valorização do romance regionalista.

Encabeçado por Gilberto Freyre, o movimento regionalista do Nordeste tinha como propósito a valorização dos aspectos regionais na confecção de obras dos autores nordestinos. Há alguns adeptos do pensamento freyreano antes de José Lins do Rego, tais como Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida. É com o autor de *Fogo Morto* que o regionalismo ganha sua máxima expressão. Em seu livro *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, José Aderaldo Castello sintetiza os pensamentos do autor de *Pedra Bonita* sobre o regionalismo do Nordeste: “Consiste em buscar a unidade do todo através da observação profunda de suas partes fragmentadas, sobre as quais repousa uma experiência pessoal, autêntica, do escritor.” (CASTELLO, 1962, p. 107). O regionalismo é assim definido por José Lins do Rego:

O regionalismo de Gilberto Freyre não era um capricho de saudosista, mas uma teoria da vida, e, como tal, uma filosofia de conduta. O que queria com o seu pegadão à terra natal era dar-lhe universalidade, como acontecera a

Goethe com os *'lieder'*, era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço do mundo. Era expandir-se, ao invés de restringir-se. Por este modo o Nordeste absorvia o movimento moderno, no que este tinha de mais sério. Queríamos ser o Brasil sendo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará. (REGO *apud* CASTELLO, 1961, p. 107).

De posse desses ideais, toda a obra de José Lins do Rego é carregada de aspectos regionalistas que, transpostos para o mundo da ficção não restringe sua produção a simples documentos sociológicos ou históricos de uma época do Nordeste. Ao contrário, faz das suas reminiscências matéria prima para a ficção literária que ganha destaque como representação necessária da criação literária de uma época.

José Lins do Rego começa sua produção romanesca com *Menino de Engenho* (1932), primeira do ciclo que ficaria conhecido como ciclo da cana-de-açúcar, e tem como último romance *Fogo Morto* (1943). Há outro ciclo, o que mais nos interessa nesse momento, conhecido como ciclo do cangaço, composto por duas obras: *Pedra Bonita* (1938), e *Cangaceiros* (1953). Há ainda aquelas obras do autor paraibano que não pertencem diretamente a nenhum dos dois ciclos aqui citados. Nesse sentido, segundo Bueno, José Aderaldo Castelo apresenta a seguinte divisão da obra de José Lins do Rego:

Castelo pensa toda a produção de José Lins a partir da ideia de ciclo. José Lins teria escrito o ciclo da cana-de-açúcar, que inclui *Fogo Morto* e não *O Moleque Ricardo*, e algo que ele chama de 'ciclo do cangaço', misticismo e seca', que inclui apenas *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. As demais obras – *O Moleque Ricardo*, *Pureza*, *Riacho Doce*, *Água Mãe* e *Eurídice* – seriam romances independentes. Essa divisão da obra de José Lins acabou ficando consagrada pelas histórias literárias que lhe seguiram. (CASTELO *apud* BUENO, 2006, p. 465).

O chamado ciclo do cangaço tem início em 1938 quando o escritor publica *Pedra Bonita*, tendo mantido um intervalo de produção de obras voltadas para este tema até 1953, ano da publicação de *Cangaceiros*, segundo e último romance dessa série. Nesse ciclo se faz presente a valorização da cultura do sertão brasileiro, no qual, para uma parte da população, há uma espécie de visão trágica da vida. É nesse contexto que entra em cena os cangaceiros, os fanáticos religiosos, os loucos e até mesmo os coronéis fracassados, todos em constante luta contra as forças opressoras do sertão.

O romance *Cangaceiros* dá sequência à ficção do autor paraibano no mundo do misticismo, fanatismo religioso, coronelismo e cangaço iniciado em *Pedra Bonita* (1938). Porém, muito embora *Cangaceiros* trate da mesma temática e dê sequência à história iniciada no outro, ganha em contornos de maturação. Ou seja, há uma maior densidade narrativa, na qual se entrelaçam passado, presente e futuro. De modo que nele, José Lins do Rego adentra

com maior profundidade no mundo do fanatismo religioso e da criminalidade do cangaço. Mundo em que se misturam vivências de horror, de espiritualidade exacerbada, de fanatismo cego, de desejos de vingança, violência extrema, mas que, em verdade, são todos emaranhados por uma mesma causa: a injustiça social e desumanidade. São esses fatores que consolidam a vida dos cangaceiros, e nessa vereda a ação descabida da força policial em detrimento da população desfavorecida economicamente. Como força motriz desses desdobramentos estão os coronéis da terra, responsáveis por quase tudo que move a história, pois são eles a força opressora que recai sobre os mais desvalidos. Força devastadora que age na esfera social e se aprofunda nas relações entre o homem e o lugar.

A história inicia com a mãe dos cangaceiros, Sinhá Josefina, em fuga, depois de ver o reduto do santo da Pedra Bonita ser arrasado, o santo morto e dois filhos dela no cangaço. Ela, junto com o filho mais novo, Bentinho, são os sem-lugar, o liame entre as forças opressoras do sertão: coronelismo, cangaço e política. Ambos estão em um mundo desintegrado, em ruínas, no qual o presente é constantemente ameaçado pelos acontecimentos passados e futuros.

Sinhá Josefina já estava ali há mais de dois anos. Viera tangida pela fúria dos soldados que haviam destruído o reduto do Santo, em Pedra Bonita. E ali ficara, depois de longas caminhadas pelas caatingas, acompanhada do filho Bentinho. Léguas e léguas andaram, como se fossem retirantes, de fazenda em fazenda, a pedir a um e a outro uma coité de farinha que lhes matasse a fome, e pés roídos pelos espinhos e olhos fundos de sofrimento. (REGO, 1953, p. 1).

José Lins do Rego constrói a figura da “grande mãe” deslocada, carregada de culpa, sem fé na salvação e nos valores possíveis e sólidos configurados ao longo da vida – aspectos perceptíveis no decorrer da narrativa. Tudo aquilo em que um dia acreditou ser sólido se desmancha, tudo se torna transitório e maleável a partir do momento em que se vê inserida em um mundo de ruptura e quebra da solidez que um dia vigorou em sua vida. Diante de tudo isso, por não resistir ao mundo que desponta constantemente ao seu redor, a loucura parece ser a saída mais viável para a mãe dos cangaceiros, e por fim, a morte.

Desse modo, a narrativa de *Cangaceiros* tem como mote a resistência vivida pela maioria dos personagens, que lutam das mais variadas formas para que possam existir no meio em que estão inseridos. São cangaceiros – todos oriundos da classe baixa – às margens do sistema social vigente e desamparados pelas autoridades, encontram no cangaço o único meio de resistência. Há também os viventes locais, pessoas pobres que, muito embora sem relação direta com os cangaceiros, sofrem as agruras causadas por eles: “Os sertanejos

sofriam dos cangaceiros e das volantes. Por onde passavam os soldados os estragos eram os mesmos” (REGO, 1953, p. 86). Por fim, tanto os cangaceiros como a sua gente, além dos outros que são diretamente afetados pela existência deles, formam um retrato dos excluídos socialmente, e assim resistem da maneira que julgam mais apropriada.

TRAÇOS CULTURAIS E DE RESISTÊNCIA EM *CANGACEIROS*

A cultura, com as suas peculiaridades locais, que permeia o espaço da narrativa de *Cangaceiros*, é movida, como quase sempre acontece, por forças políticas baseadas nos interesses daqueles que detêm o poder econômico. Essa versão de cultura condicionada à política, presente na obra de José Lins do Rego, é alvo de apontamento do crítico Terry Eagleton, sem se referir, contudo, à obra do escritor brasileiro, diz o crítico britânico: “Os interesses políticos que normalmente governam os culturais e, ao fazê-lo, define uma determinada versão de humanidade.” (EAGLETON, 2000, p. 19). Essa nota nos ajuda a entender as relações estabelecidas entre os personagens que habitam *Cangaceiros* uma vez que eles, os mais fracos, a maioria, estão subordinados às forças maiores do local: os coronéis, que por sua vez são ou regem a política:

Senhor doutor, aqui quem manda é Cazuza Leutério, manda mais do que o governo. Jatobá e Paracatu é o mesmo que fazenda dele. E está tudo acabado. Foi assim na monarquia e assim entrou pela República. Haja rei, haja presidente, manda Cazuza e está acabado. (REGO, 1953, p. 6).

São os coronéis que ditam as regras e a política local, desse modo, transformam a cultura da região. Transformam no sentido em que de algum modo todos os viventes agem de acordo com o que eles impõem, seja os pequenos proprietários, que, por vezes, veem seus filhos entrarem no cangaço como única alternativa para fugirem da opressão; seja os que, mesmo sendo um deles, não possuem o mesmo poder e também acabam submetidos aos mais fortes, como é o caso do Capitão Custódio, dono de muita terra, tem seu filho morto a mando de Cazuza Leutério:

Aquele capitão Custódio é o homem mais sofredor que conheci. Esta história da morte do filho vai matando o velho devagarinho. Aqui neste sertão tem ele terra e não manda nela. É como se fosse um casado que os outros come a mulher. E ele nem como coisa. Um homem deve punir pelo que é seu. (REGO, 1953, p. 69).

Assim, por não poder vingar a morte do filho adentra no mundo da loucura - um traço

comum às obras de José Lins do Rego, como uma fuga à realidade por vezes demasiadamente pesada para suportar.

Há, também, nas narrativas do ciclo do cangaço e da cana-de-açúcar, do romancista José Lins do Rego, um traço fundamental que funciona como mote no qual os enredos são construídos, que é a presença dos ideais da literatura regionalista. Nessa perspectiva, em *Cangaceiros*, o pano de fundo sobre o qual as histórias são costuradas é formado pela matéria regional. Assim, além do seu valor literário, a obra também carrega certo valor sociológico e histórico, uma vez que tenciona a denúncia de uma sociedade rural, jogada à sorte da cultura local, fato esse que chamou a atenção de Álvaro Lins:

José Lins do Rego, cuja obra tem exatamente esta finalidade de uma ligação mais profunda e menos convencional com a terra. Os seus personagens, os seus enredos, o seu ambiente social, a sua imaginação – toda a sua vida é a de um homem que sente a sua terra e tem o destino de exprimi-la literariamente. (LINS, 1948, p. 36).

Desse modo, ao produzir *Cangaceiros*, José Lins do Rego assinala, em linguagem literária, elementos importantes do cotidiano da sociedade da qual fez parte, contudo, não restringe sua obra a meros registros autobiográficos, uma vez que o elemento memória funciona apenas como fonte para a composição do seu romance, sem delimitar o campo de abrangência da sua produção. Através dessas reminiscências o autor confecciona na literatura um documento que presta serviço também a outras áreas do conhecimento, através de personagens que são, no mundo da ficção, a cultura e o modo de resistência de um povo.

Em relação aos personagens principais que compõem a narrativa de *Cangaceiros*, o fator resistência ganha contorno em cada um deles, como traço fundamental intrínseco a existência e que molda a atuação dos protagonistas no espaço em que se inserem. Não há momentos de amenidades ao longo do romance, as figuras parecem estar em uma constante luta contra as intempéries que as cercam, como aparece logo no início da narrativa:

Num relance Bentinho viu que tudo para ele mudara, de uma vez para sempre. A Vila do Açú se perdera, e agora ficava como numa distância de mil léguas. O seu mundo era aquele das balas, do fogo, da morte. E assim ficaram horas. Quando a noite chegou só se ouvia o gemido dos que ficaram estendidos pelo chão. A mãe sentada, com as mãos pegadas nas suas mãos, mãos quentes, mãos de energia e de quem ainda tinha força para proteger, foi lhe dizendo: — Menino, agora é como Deus quiser. Eles mataram o Santo e o sangue que entrou de terra adentro é sangue que não seca mais nunca. Pode o sol ser o rei do mundo que não terá quentura para secar esta terra desgraçada. Meu filho, esta vai ser a terra de sangue que vai toda a vida pedir vingança. (REGO, 1953, p. 17).

Bentinho, o protagonista responsável pelo emaranhado das diferentes histórias que perpassam a narrativa de *Cangaceiros*, é o primeiro a sentir os efeitos das ações decorrentes do meio social do qual faz parte. Ele é aquele que mais resiste aos desdobramentos impiedosos no decorrer da história, pois, apesar de tudo, obedece a uma linearidade de atitude e postura. Ou seja, enquanto outros, como por exemplo, seus irmãos, Aparício e Domício, ainda no romance *Pedra Bonita*, são tangidos para o cangaço e o fanatismo religioso, respectivamente, Bentinho permanece, na medida do possível, nulo a essas duas grandes forças que moldam a existência do povo sertanejo. Todavia, sofre diretamente a interferência desses dois fatores. Por fim, já em *Cangaceiros*, também Domício segue os passos do irmão mais velho, Aparício, e adentra o mundo do banditismo depois de ver o reduto do santo ser arrasado pela força policial.

Pedra Bonita finda com a tropa policial se organizando, à noite, para na próxima madrugada invadir a região em que há uma grande concentração de fanáticos religiosos em torno de um possível santo, esse que seria, na crença dos fanáticos, o responsável pela transformação milagrosa do sertão nordestino. Bentinho, nessa mesma noite, sai do Açu, cidade em que vivia na companhia do seu padrinho, Padre Amâncio, que se encontra em estado avançado de doença, por esse motivo incube seu afilhado da missão de ir à busca de outro padre para lhe dar a benção final, na cidade de Dores. Todavia, nesse meio tempo, Bentinho desenvolve uma séria crise de consciência entre deixar seu povo morrer nas mãos da volante, ou cumprir o último desejo do padrinho. Toda a sua gente, incluindo Sinhá Josefina, sua mãe, o pai Bentão, o irmão Domício, a quem havia estabelecido uma forte relação, foram açoitados à Pedra Bonita, laçados pelo misticismo religioso que o lugar oferecia. Desse modo, o afilhado do Padre Amâncio opta em tentar salvar os seus, em detrimento do seu padrinho:

Era um mundo furioso que vinha para Pedra Bonita. Um mundo de assassinos, de perversos. Ele estava ouvindo os passos das alpercatas estalando na caatinga, a marcha dos matadores. Vinham vindo para acabar com tudo. Bento montou outra vez. Domício teria que saber de tudo. O santo teria que salvar o seu povo. Esporeou o cavalo. A madrugada avermelhava o céu. Os pássaros da caatinga começavam a cantar. E Bento partiu a galope para Pedra Bonita. (REGO, 1979, p. 220).

É nessa tensão que José Lins do Rego finaliza a narrativa de *Pedra Bonita*, e só muito depois é que veríamos saber o desfecho da história com o lançamento de *Cangaceiros*, o qual o autor abre com uma nota acerca da relação entre as duas:

Continua a correr neste *Cangaceiros* o rio de vida que tem as suas nascentes em meu anterior romance *Pedra Bonita*. É o sertão dos santos e dos cangaceiros, dos que matam e rezam com a mesma crueza e a mesma humanidade. (REGO, 1953, p. 1).

Ao observarmos essas passagens, bem como toda a narrativa de *Cangaceiros*, vamos encontrar personagens que estão inseridas constantemente em uma acirrada luta por aquilo que é elementar à existência humana, ou seja, o espaço de sobrevivência. Talvez seja esse o acertado jogo que José Lins do Rego desenvolve nessa obra, onde, quase como uma espécie de animalização, os personagens estão envolvidos em uma trama na qual o bem maior a ser conquistado é o simples espaço para que possam existir enquanto pessoas. Todavia, diante dos desdobramentos observados ao longo da narrativa, esta conquista assume o lugar de resistência, pois os personagens acabam por se tornar, cada grupo com as suas peculiaridades, resistentes assíduos no desenvolvimento da história.

Sinhá Josefina, por exemplo, depois de conseguir, por intermédio do filho mais novo, Bentinho, fugir da emboscada que massacrou o povo da Pedra, torna-se uma obstinada em resistir às adversidades que lhe rondavam para, na medida do possível, oferecer alguma proteção aos seus descendentes, pois a essa altura já não encontra um lugar propriamente seu, é um brinquedo do destino que assola sua existência:

Sinhá Josefina olhou para Bentinho, e aquele seu olhar tinha muita coisa para dizer. O filho baixou a cabeça e as palavras da mãe foram chegando duras e terríveis:

— Meu filho, Deus nos condenou para sempre. O castigo de Aparício, o castigo de Domício, o castigo de teu pai, dói na gente e há de doer para o resto da vida. Deus quer e Deus manda. Tu fazias melhor sumindo de perto de mim. Há tanto lugar no mundo para um homem viver. Será que a minha vida vai ser o teu castigo? (REGO, 1953, p. 22-23).

Desse modo, Sinhá Josefina, a mãe do maior cangaceiro do sertão, Aparício, se vê ao lado do filho mais novo, Bentinho, desprotegida por todas as forças em que um dia acreditou como bem maior, principalmente a providência divina. Para a personagem, a partir desse momento serão destinados, por parte da divindade superior, outrora alicerce fundante da sua presença no mundo, infortúnios derivados do castigo presente no sangue da sua família. Isso a leva a percepção do vazio em que se encontra, e a forma de continuar sua irrisória existência, segundo seu próprio entendimento, é usar as forças que lhes restam para resistir ao cenário inóspito desenhado à sua frente.

É, portanto, a figura da mãe nordestina carregada de uma religiosidade exacerbada, mesmo quando sabe não poder contar mais com o seu Deus ela passa a enfrentar a situação

como castigo. Desse modo, sua vivência passa a ser pautada no sofrimento como forma de aceitação pela falha cometida, ou seja, figurar como mãe e esposa de pessoas “amaldiçoadas”. Assim, aquela figura da “grande mãe” que havia sido apresentada desde *Pedra Bonita* começa agora a ruir por completo. A ruína começa a partir do momento em que seu filho Aparício entra para o cangaço. Todavia, Sinhá Josefina ainda nutria alguma esperança de ver transformado em padre seu filho mais novo, Bentinho. Essa seria para ela uma espécie de redenção, já que, segundo as crenças circundantes à família dos Vieiras, tendo início no avô de Bento Vieira, pai de Aparício e marido de Josefina, carregava uma possível maldição, pelo motivo de que há tempos, na aparição do primeiro santo na Pedra Bonita, aquele havia avisado à força policial acerca dos fatos ocorridos no lugar, a morte de inocentes entre outros episódios de histeria coletiva, o que leva, por fim, com a chegada da força policial, a uma carnificina desmedida. Desde esse acontecimento, a família dos Vieiras, a qual Sinhá Josefina vem a pertencer, acredita, talvez por falta de instrução, ser portadora de “sangue de Judas”, gente de má sorte, destinada a pagar a falha cometida por um dos seus. Esse fato é o que vai desencadear, na matriarca, toda a tensão ao longo da narrativa, pois, para ela, todos os acontecimentos danosos têm uma relação direta com a traição cometida a um “santo” por um dos seus antepassados.

Todavia, Bentinho, última esperança de Sinhá Josefina, não se torna padre, assim não há salvação para a família dos Vieiras. Seu padrinho que o criou, padre Amâncio, não teve os recursos necessários para fazê-lo estudar e seguir a carreira sacerdotal. Nessa perspectiva, José Lins do Rego confecciona um romance no qual os personagens estabelecem uma relação absolutamente íntima com o espaço em que estão inseridos. Ou seja, é como se não houvesse a possibilidade de escapatória do lugar, a não ser resistir e sobreviver a ele. Nessa conjectura, a mãe de Bentinho perde a batalha para as circunstâncias sociais que os cercam, todavia, diante da sua quase fanática fé, atribui o ocorrido a uma possível maldição. Interessante notarmos que mesmo diante da crença religiosa muito forte presente em quase todos os personagens de *Cangaceiros*, a religião é derrotada pela realidade devastadora que desponta no meio social.

Porém, diante do seu fanatismo religioso, Sinhá Josefina não enxerga a derrocada do filho na possível carreira do celibato como consequências de fatores sociais, mas sim como uma punição divina, pelos motivos já mencionados. Diante disso, Bentinho, no entanto, mantém certa racionalidade, ele é o que melhor apreende a realidade do meio em que vive, e mesmo cercado pela religião, mantém uma postura um tanto quanto cética, desde *Pedra Bonita*, e assim, não se deixa arrastar pela beatice, e se não a rejeita por completo, permanece

em dúvida, porém, mais enviesado à repulsa do que a aceitação: “Rezar não adiantava. Nada valia. Nem sabia se acreditava em Deus. Acreditava que uma culpa estava no seu sangue, na sua carne, nos seus ossos.” (REGO, 1979, p. 208). Considerando a sua criação, como coroinha de igreja e criado de padre, cercado de beatos fervorosos, a dúvida nascida em Bentinho acerca da religião demonstra o grau de consciência embutido nesse personagem, e talvez por isso mesmo ele seja o único a conseguir trilhar uma trajetória menos trágica e mais linear, até, por fim, fugir do sertão.

Enquanto Aparício, o filho mais velho de Sinhá Josefina, ao matar, por legítima defesa, outro homem na feira, não vê alternativa a não ser fugir, pois sabe não possuir forças suficientes para a defesa. Esse desdobramento se dá porque a justiça está corrompida, propensa a servir aos ricos da terra, e ele, filho de trabalhadores pobres do sertão nordestino, sabe que diante do crime cometido não há escapatória, uma vez que em seu meio reina a injustiça social em todas as suas facetas:

-Deu-se uma desgraça na feira de Dores. [...] Furei muita gente. Corri de rua afora até a cachoeira do Neco, e só tive tempo de selar o cavalo e cair no campo.

O velho Bentão ouviu o filho sem dar uma palavra. Bento veio chegando. Só depois de algum tempo o velho perguntou a Aparício:

-Tu não vai te entregar?

-Eu? Só se estivesse leso. O praça ficou estendido no chão. Se me pegam, me cortam em pedaços.

[...]

-Mãe, eu só vim dizer adeus.

A velha caiu para um lado. Baixou a cabeça em cima dum lajedo do rio e começou a soluçar alto. Bento ficou com ela, consolando. Não precisava chorar tanto. Mas ela sabia a desgraça que viria sobre eles. Com um filho entregue no cangaço. (REGO, 1979, p. 124-125).

Por fim, temos agora na família dos Vieiras as três dimensões responsáveis pela configuração do romance *Cangaceiros*, que começa, certamente, em *Pedra Bonita*. As três dimensões correspondem ao misticismo e fanatismo religiosos, representado predominantemente por Sinhá Josefina; o cangaço, tendo em Aparício seu principal expoente e, por fim, a racionalidade linear através de Bentinho. Apesar da postura adotada pelo criado do padre, ele sofre também as agruras adquiridas do contexto social quanto, e principalmente, pelo fato de ser irmão de cangaceiro. Isso porque Aparício ganha rápida notoriedade no meio do banditismo e em pouco tempo torna-se chefe do bando. Há, portanto, uma tensão constante que paira sobre a narrativa de *Cangaceiros*, pois, ou os personagens determinam uma abordagem como forma de resistir ao meio social, Aparício, por exemplo, opta pelo cangaço,

já sua mãe segue o caminho do misticismo, mesmo quando “abandonada e castigada por Deus”, aceita o destino como castigo a ser cumprido e do qual não há como fugir, apenas resistir: “-Ouviste o que ela disse? A mãe de Aparício só pode ser mesmo um ente infeliz. É, meu filho, a sina é esta mesma. O teu pai sabia de tudo. O mal que Aparício vem fazendo é mal de sangue venenoso. Todos nós temos que sofrer até o fim os traçados do Alto” (REGO, 1953, p. 25). Ou ainda, como no caso de Bentinho, sofre violentamente os impactos por vivenciar no meio dessa atmosfera. Acerca desses apontamentos, Alfredo Bosi traz um apontamento que nos permite entender com mais clareza como os aspectos de resistência estão presentes nessa obra de José Lins do Rego:

Deve-se, porém, aprofundar o campo de visão. E detectar em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou principalmente, enquanto tema. (BOSI, 2002, p.129).

Essa observação nos leva a uma interessante análise de *Cangaceiros*, romance em que o autor soube tratar a temática do misticismo e do cangaço conferindo a ele as denúncias e críticas presentes na sociedade coronelista patriarcal do nordeste brasileiro. Esses fatores são responsáveis pela tensão que, em seus desdobramentos, tornam todos os protagonistas resistentes na narrativa. Além dessas duas temáticas, há ainda, nesse meio, a fundamental figura dos grandes coronéis da terra, estes são, na verdade, os responsáveis pelos desmazelos sociais que levam a existência do cangaço como única forma de resistência possível ao regime sufocante a que eles submetem o povo da terra. Desse modo, a narrativa apresenta a junção do povo, dos cangaceiros, da volante e dos coronéis, forças que o autor ordena para propulsionar os acontecimentos que dão vida à obra.

José Lins do Rego constrói uma narrativa que contempla o intrincado campo das relações estabelecidas na sociedade habitada por cangaceiros, coronéis, fanáticos religiosos e a força policial. Nela o enredo e os acontecimentos observados, quase todos com uma elevada carga de tormenta, são todos frutos exclusivamente das relações que os personagens mantêm com o meio social. Claro que quase sempre eles são empurrados a essas relações, como única saída possível diante das adversidades as quais atravessam. Assim, é possível dizer que a tensão é o fio condutor de toda a narrativa de *Cangaceiros*, todos os personagens estão constantemente imersos em um ambiente de inquietação. Assim, as ações dos personagens são tomadas, por vezes, como uma fuga à realidade que emerge, para cada um dos protagonistas, como única possibilidade a ser vivenciada, e da qual não há, aparentemente, escapatória, qualquer caminho enveredado será árduo e de penosa travessia. Mesmo os coronéis estão em

constante tensão, ou são protetores dos cangaceiros e, por outro, lado ficam sujeitos à fúria da força policial: “— Povo infeliz — disse Alice —, só vive de matar e morrer. Só queria, Bentinho, sair desta terra, e nunca mais ouvir falar destas coisas. Zé Luís está no caminho de pai. Não tarda a cair no crime como os outros” (REGO, 1953, p. 82). É nessa ambientação que toda a narrativa ganha forma, enredada em um sistema social no qual os personagens precisam resistir constantemente para continuar existindo.

Ainda acerca desse modo de escrita, empregado por José Lins do Rego em *Cangaceiros*, mais uma vez Bosi nos presta outra contribuição, quando diz:

A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. (BOSI, 2002, p. 130).

Esse apontamento é oportuno, aplicado a *Cangaceiros*, se pensarmos que os personagens estão inseridos por completo nos mecanismos sociais do meio em que circundam, a ponto de não conseguirem vislumbrar outra realidade possível. Assim, a obra de José Lins do Rego ganha destaque como um romance de resistência, além de outros aspectos inerentes a essa produção, porque o autor soube enveredar de modo acertado pelas trilhas da narrativa desse tipo de escrita, expondo os fatos que sucedem aos seus personagens como algo corriqueiro à vida daquela gente. Eles, os personagens, adaptam-se, cada um à sua maneira, às tensões que são obrigados a aguentar.

Há, todavia, os que não suportam e cedem à loucura como uma fuga possível ao destino implacável oferecido pelo espaço em que vivem. Em *Cangaceiros*, Sinhá Josefina e o Capitão Custódio adentram o mundo da insanidade em um caminho sem volta até sucumbirem totalmente:

Bentinho quis se levantar da mesa e teve medo. Não escutava o que lhe dizia a mãe alterada. Viu que tudo estava perdido. A velha perdera o juízo. Uma dor profunda reduziu-a a um trapo. Ali bem perto da criatura que ele sempre se acostumara a sentir como o amparo seguro de sua vida. Mesmo no tiroteio, no medonho tiroteio de Pedra Bonita, as mãos quentes de sua mãe valeram-lhe com segurança. Eram as mãos quentes de sua mãe. De repente tudo se acabara. E ela se perdia naquela fuga desgraçada da realidade! (REGO, 1953, p. 61).

Sinhá Josefina, em um ato de retirada abrupta da realidade, enlouquece. Sucumbe aos acontecimentos que lhes ocorrem e a tensão causada por eles. O peso de ser mãe de cangaceiro é demasiadamente árduo, não encontra forças necessárias para resistir nem mesmo

na religião. José Lins do Rego constrói a narrativa de tal modo que a loucura da mãe de Bentinho é compreensível, pois representa o ponto máximo da tensão que garante toda a obra.

Desse modo, o autor consegue desenvolver essa tensão porque sua obra está alicerçada naquilo que conhecemos como romance social. Ou seja, a produção assume um caráter, também, de documento de denúncia das mazelas as quais eram comuns à época no sertão nordestino. Todavia, nessa conjectura, devemos considerar, primordialmente, o “mundo” ficcional criado por José Lins do Rego através das reminiscências regionais que carrega consigo, pois, como oportunamente aponta Octavio Paz: “O romancista nem demonstra nem conta; recria um mundo.” (PAZ, 1996, p. 68). Porém, há que se considerar as ideias regionalistas, já mencionadas, que tanto impulsionaram a produção do autor de *Pedra Bonita*, as quais primam por uma recorrência a determinado contexto social como pano de fundo das obras. A respeito disso, Antonio Candido observa o seguinte:

Uma das forças dos livros do Sr. José Lins do Rego é que eles assentam sempre sobre uma realidade social intensamente presente e agente, condicionada a circulação das pessoas e contribuindo para a análise diferencial que delas faz o romancista. (CANDIDO, 1992, p. 62).

Isso só é possível porque o romancista consegue trilhar com coerência o campo que é realmente muito delicado entre a obra de ficção, a documental, sociológica ou histórica. Assim, sem perder de vista o caráter ficcional necessário à produção literária, José Lins do Rego traça personagens portadores de problemas sociais de toda uma região, deixando-os, em maior ou menor grau, a serviço de uma crítica social ao mesmo tempo em que é literatura no sentido mais amplo possível.

Nessa seara, o que ganha destaque, também, como pano de fundo de *Cangaceiros*, é a presença do subdesenvolvimento expresso através dos personagens e da relação que eles estabelecem com os recursos dispostos no contexto social em que são fixados. Há, certamente, a predominância de um determinado tipo de sujeito na obra, ou seja, o sertanejo, seja ele cangaceiro, coronel, policial, ou mesmo as pessoas mais comuns que transitam a narrativa. É através desse tipo que o subdesenvolvimento da região vai ganhar contornos. Todavia, é interessante notarmos o atraso com uma relação direta às pessoas viventes do lugar, não o espaço em si. Ou seja, muito embora o enredo tenha como pano de fundo o nordeste brasileiro, região seca e com as suas dificuldades, o que define o atraso não é o aspecto físico do local, mas sim o resultado das ações das pessoas daquela região, transformado em cultura do subdesenvolvimento.

Assim, a cultura, com as suas peculiaridades locais, que permeia o espaço da narrativa de *Cangaceiros*, é movida, como quase sempre, por forças políticas baseadas nos interesses dos poderosos. Essa versão de cultura condicionada à política, presente na narrativa de José Lins do Rego, é alvo de apontamento de crítico renomado como Terry Eagleton, sem se referir, contudo, à obra específica, observa o seguinte: “Os interesses políticos que normalmente governam os culturais e, ao fazê-lo, define uma determinada versão de humanidade.” (EAGLETON, 2000, p. 19). Essa nota ajuda a entender as relações estabelecidas entre os personagens que habitam o romance em questão, uma vez que eles, os oprimidos, a maioria, estão subordinados às forças maiores do local: os coronéis, que por sua vez são ou regem a política:

Senhor doutor, aqui quem manda é Cazuza Leutério, manda mais do que o governo. Jatobá e Paracatu é o mesmo que fazenda dele. E está tudo acabado. Foi assim na Monarquia e assim entrou pela República. Haja rei, haja presidente, manda Cazuza e está acabado. (REGO, 1953, p. 6).

Porém, não podemos deixar de considerar a possibilidade de que, mesmo em uma posição muito diferente das pessoas subordinadas às suas ações, os coronéis são frutos do sistema social que impera na região há muito tempo. Esse modo de viver os elevam a uma posição privilegiada na qual, no entendimento deles, devem agir como força absoluta e perpetuar os costumes sociais comuns. Esse modo de viver é, também, responsável pela ruína estrutural que leva muitos a buscarem alternativas como forma de resistência. Diante disso, os cangaceiros despontam como uma espécie de revolta contra o sistema em que estão inseridos. Isso não significa que cumpram aquela visão romantizada que por vezes ronda acerca dessa gente, ao contrário, é um grupo de revolta e resistência. Todavia, lutam por interesses próprios, são tão sanguinários quanto – ou mais – a força policial destacada para combatê-los, matam, sem distinção, quaisquer viventes que lhes ofereçam o mais simples obstáculo: “Os sertanejos sofriam dos cangaceiros e das volantes. Por onde passavam os soldados os estragos eram os mesmos” (REGO, 1953, p. 86). É importante ressaltar que eles são resultados da natureza, não a física, ou seja, o meio em que habitam, como observa Terry Eagleton: “A natureza produz cultura que altera a natureza” (EAGLETON, 2000, p. 13). Esse excerto vem ao encontro daquilo que permeia *Cangaceiros*: seres que agem de acordo com a cultura que os rodeiam no intuito de transformá-la ou apenas resistir.

Essas características presentes na obra de José Lins do Rego estão em consonância com o ideal de romance social, defendido por ele, e oportunamente apontado por Antonio Candido:

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de "romance social", "indigenismo", "romance do Nordeste", segundo os países, e, sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte. Ele nos interessa mais, por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento — sendo justo registrar que muito antes escritores como Alcides Arguedas e Mariano Azuela já se haviam pautado por um senso mais realista das condições de vida, bem como dos problemas humanos dos grupos desprotegidos. Entre os que naquele momento propuseram com vigor analítico e algumas vezes forma artística de boa qualidade a desmistificação da realidade americana, estão Miguel Ángel Asturias, Jorge Icaza, Ciro Alegria, José Lins do Rego e outros. Todos eles, ao menos em parte da sua obra, fazem um tipo de romance social bastante relacionado com os aspectos regionais, e não raro com os restos de pitoresco negativo, que se combina a um certo esquematismo humanitário para comprometer o alcance do que escrevem. (CANDIDO, 2003, p. 160).

José Lins do Rego produz, nessa concepção, um romance que absorve duas necessidades importantes para tal êxito, são elas: o regionalismo o qual sempre defendeu e se apropria acertadamente em *Cangaceiros*; a outra, traços incisivos de romance social, fundamentais para o clima de tensão alcançado na narrativa. Não obstante, convém esclarecermos, como bem observou Antonio Candido, tanto o regionalismo quanto a ideia do social estão presentes na obra do autor paraibano como fermento para a confecção de um romance no qual – longe de romantizar a região em uma espécie de romantismo tardio, ou mesmo o regionalismo do século XIX – aborde questões relativas ao subdesenvolvimento regional e suas consequências sociais que culminam, por fim, em uma acirrada luta de resistências dos sujeitos do contexto em que a narrativa abarca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar mão das ideias regionalistas irradiadas por Gilberto Freyre, José Lins do Rego confecciona uma narrativa que, é ao mesmo tempo, um documento histórico e sociológico da história de uma parte do Brasil, e, concomitantemente, é ficção literária por excelência. Nesse sentido, os resquícios do contexto social usado pelo autor na composição da obra, não interferem no resultado final, ou seja, eliminando-se esse contexto regionalista o romance em nada perde da sua qualidade de literatura. Nessa conjectura, é que nasce *Cangaceiros*, carregado de uma atmosfera densa, na qual comporta, através dos personagens, os mais variados tipos de anseios, sofrimentos e tensão próprios da cultura em que a história transcorre.

No entanto, vale lembrar que o contexto onde os sujeitos estão inseridos para servir

como pano de fundo à narrativa funciona como um acessório fundamental à obra, sem a limitação de torná-la determinista, no sentido de estar condicionada a um lugar específico e, assim, seu significado manter relação estrita com esse local. Sobre esses elementos, Antonio Candido assegura:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa atemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função que é capaz de exercer, deligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. (CANDIDO, 1967, p. 54).

Soube, portanto, José Lins do Rego, se desprender de qualquer fator que pudesse engessar sua obra a uma temporalidade ou região, uma vez que ganha destaque na narrativa as questões acerca das transformações sociais de um grupo diante dos aspectos culturais. Ou seja, a temática fundante de *Cangaceiros* é o mote da resistência, demonstrada por meio dos personagens vivenciando situações adversas frutos da cultura dominante no contexto social do qual fazem parte. Desse modo, podemos dizer que José Lins do Rego se apropria, de modo técnico, de uma determinada realidade e, com base nela, confecciona sua obra:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1967, p. 63).

Por fim, o tema da resistência presente na obra *Cangaceiros* nos é apresentado tendo como referência um determinado contexto social, ou seja, o sertão nordestino. Todavia, há um refinamento técnico de modo que o tema abordado não se limita, não está condicionado apenas àquela realidade social da qual o autor usa como ponto de partida para a sua narrativa. O tema resistência, por conseguinte, se expande para além daquele quadro e ganha significação para as mais diversas culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Brigada ligeira**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 4. ed. 2º vols. São Paulo: Martis, 1971.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 129-130.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego**: modernismo e regionalismo. São Paulo: EDART, 1961.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Editora Mafra, 2003.

LINS, Álvaro. **O romance brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint gráfica, 1948.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Recebido: 29/04/2020

Aprovado: 06/08/2020